

A comunicação climática e da biodiversidade em tempos de multicrisis

Climate and biodiversity communication
in times of multicrisis

La comunicación climática y de la
biodiversidad en tiempos de multicrisis

Recebido em: 01/03/2024
Aceito em: 08/03/2024
DOI: 10.46952/rebej.v13i31.1222



Rogelio Fernández-Reyes
rogeliofreyes@hotmail.com

Doutor em Jornalismo pela
Universidade de Sevilha.

Trad. Rodrigo Ratier

RESUMO

O artigo, adaptado da conferência de abertura do 22º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo (Enejor), disserta sobre a temática climática e da biodiversidade e define o jornalismo ambiental como um jornalismo comprometido com o combate às mudanças climáticas. Apresenta recomendações para a comunicação climática e sobre a biodiversidade e indica formas para o diálogo com diferentes públicos – conservador, progressista, comunidades de fé. Discute, por fim, a centralidade da América Latina em relação à questão ambiental e mostra como as narrativas dos povos originários podem inspirar a comunicação sobre mudanças climáticas.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo ambiental. Jornalismo climático. Mudança climática. Biodiversidade.

ABSTRACT

The article, adapted from the opening conference of the 22nd National Journalism Teaching Meeting (Enejor), discusses climate and biodiversity issues and defines environmental journalism as journalism committed to combating climate change. It presents recommendations for climate and biodiversity communication and indicates ways for dialogue with different audiences – conservative, progressive, faith communities. Finally, it discusses the centrality of Latin America in relation to environmental issues and shows how the narratives of original peoples can inspire communication about climate change.

KEYWORDS

Environmental journalism. Climate journalism. Climate change. Biodiversity.

RESUMEN

El artículo, adaptado de la conferencia inaugural del XXII Encuentro Nacional de Docencia en Periodismo (Enejor), aborda temas climáticos y de biodiversidad y define el periodismo ambiental como un periodismo comprometido con la lucha contra el cambio climático. Presenta recomendaciones para la comunicación sobre el clima y la biodiversidad e indica formas de diálogo con diferentes audiencias: comunidades religiosas conservadoras, progresistas. Finalmente, analiza la centralidad de América Latina en relación con las cuestiones ambientales y muestra cómo las narrativas de los pueblos originarios pueden inspirar la comunicación sobre el cambio climático.

PALABRAS CLAVE

Periodismo ambiental. Periodismo climático. Cambio climático. Biodiversidad.

1 UM TEMA POLÍTICO, CIENTÍFICO, ECONÔMICO E SOCIAL – MAS AINDA POUCO MIDIÁTICO¹

As mudanças climáticas são a principal questão política. Como se sabe, na Conferência de Paris, em 2015, foi proposto manter o aumento da temperatura média global abaixo de 2 °C em relação aos níveis pré-industriais, e prosseguir com os esforços para limitar o aumento da temperatura a 1,5 °C. Nessa área, trata-se do acordo assinado mais rapidamente e com o maior número de signatários. No entanto, o controle do aquecimento global segue sendo uma questão muito difícil porque existem diferentes posições no cenário internacional. O que se observa é que a questão política não caminha paralelamente à resolução do problema. Tem havido muitas Conferências sobre mudanças do clima, mas até aqui elas não foram capazes de mudar a trajetória do aquecimento global.

As mudanças climáticas são também a principal questão científica. No campo científico, 99,9% dos artigos científicos reconhecem a origem antropogênica do aquecimento global, de acordo com o último relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC). As alterações climáticas são uma ameaça ao bem-estar humano e à saúde do planeta. Para garantir um futuro habitável e sustentável, a janela de oportunidade está se fechando. Hoje sabe-se que as alterações climáticas afetam especialmente as populações mais pobres. A China é o país que mais emite gases estufa. Os Estados Unidos vêm em segundo, mas como possuem população menor, cada habitante emite cerca de 14 toneladas de gases por ano – dobro de um chinês e quatro vezes mais que um mexicano. A África, por outro lado, não chega a 4% das emissões globais. Quando se realizou a COP 22, no Marrocos, em 2016, o ministro francês do Ambiente denunciou que 70% dos países que mais sofriam com as alterações climáticas eram países africanos, precisamente aqueles que menos emitem.

O relatório do IPCC indica, ainda, como as alterações climáticas vão afetar as pessoas de acordo com o ano em que nasceram. Aqueles que nasceram nos anos 1950 vão pegar um pouco da mudança climática, quem nasceu nos anos 1980 vai sofrer um pouco mais e quem está nascendo agora, na década de 2020, será afetado com mais seriedade.

Em terceiro lugar, as mudanças climáticas são a principal questão econômica. Na pesquisa de percepção de riscos feita no Fórum Econômico Mundial, em Davos (Suíça), os três riscos globais mais citados são ambientais: o fracasso nas ações de combate às mudanças climáticas, o clima extremo e a perda de biodiversidade.

As mudanças climáticas são, ainda, um tema social. Uma pesquisa do Pew Research Center em 26 países revelou que a mudança climática se consolidou como a principal preocupação mundial. Para 67% dos entrevistados, ele é o problema mais grave que o mundo enfrenta. Nunca antes houve mobilizações tão amplas em todo o globo exigindo mudanças para que o planeta não se torne inabitável.

¹ Texto traduzido e adaptado, com aprovação do autor, da *conferência La comunicación climática y de la biodiversidad en tiempos de multicrisis*, realizada no 22º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo (Enejor), em 25 de abril de 2023, em Manaus, AM. A íntegra da apresentação se encontra disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=oc-G9Xf81nE&list=PPSV>. Acesso em: 8 de fevereiro de 2024.

Também ligadas ao social estão as migrações. Em 2017, vimos como milhares de pessoas na Argentina, Paraguai e Peru foram deslocadas por fortes inundações. No Peru, foram cerca de 295 mil deslocados. No Brasil, as secas das últimas décadas contribuíram em parte para a mobilidade forçada de milhões de pessoas – falo em contribuição porque as migrações não se devem a um único motivo, geralmente são multicausais. Em países como Bolívia, Colômbia, Equador e Venezuela, assim como no Sul do Peru, Chile e sudeste da Argentina, as secas causaram impactos particularmente graves na degradação do solo. Sem a adoção de medidas efetivas, o Banco Mundial estima que em 2050 haja mais de 140 milhões de migrantes climáticos, 17 milhões deles na América Latina, uma das regiões mais afetadas, segundo o estudo.

Mudanças climáticas são um tema midiático. Apesar disso, em uma investigação que fizemos com os jornais espanhóis *El País* e *El Mundo*, outras crises em um período de multicrises ganharam muito mais atenção. Em abril de 2020, 60% dos artigos continham os termos “coronavírus” ou “covid”. Em março de 2022, 30% dos artigos tinham a palavra “Ucrânia”. Mas quando pesquisamos por “crise climática”, “alterações climáticas” ou “aquecimento global”, estes termos aparecem num nível muito baixo. Entre janeiro de 2020 e novembro de 2022, as palavras surgem em apenas 2% dos textos – ou 1 a cada 50 artigos.

Vale notar também o que tem acontecido com o tema biodiversidade. Antonio Gutiérrez, secretário das Nações Unidas, a coloca como um dos elementos principais da contemporaneidade. Porém, trata-se de um dos temas que mais perdeu destaque na mídia devido ao protagonismo das alterações climáticas. O que é um problema, pois a perda da biodiversidade já é uma realidade e vai repercutir também na vida humana. Por um lado, então, vê-se isso: o jornalismo ambiental se foca nas questões climáticas e dessa forma deixa de lado, em parte, temas como biodiversidade.

2 ELEMENTOS DE UM JORNALISMO COMPROMETIDO

Não é a mesma coisa abordar a questão ambiental nos Estados Unidos, na África ou no Brasil. O Brasil é referência em pesquisa na América Latina em também em formação em jornalismo ambiental. Destaco, por exemplo, o trabalho pioneiro de Ilza Maria Tourinho Girardi, professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Segundo Girardi, Camana e Loose (2015), a noção de jornalismo ambiental exige ênfase na contextualização da pluralidade de vozes, assimilação do conhecimento ambiental, compromisso com a qualidade e responsabilidade na mudança de pensamento.

Falamos em um jornalismo ambiental poliédrico porque ele não ocorre apenas nos jornais hegemônicos, mas nas redes sociais, nas ONGs, na ciência, nas comunidades indígenas, no jornalismo independente. Recomenda-se que o assunto não seja abordado com catastrofismo, mas sim que haja um paralelismo com as soluções, senão cria-se no público um sentimento de angústia de não poder fazer nada. Também é bom ter em mente que, embora não sejamos educadores, é verdade que exercemos essa função porque muitos dos cidadãos não tiveram educação formal sobre questões ambientais ou climáticas. Assim, mesmo que não seja nosso propósito, exercemos essa vertente de formação. É importante, ainda, complementar

a razão com inteligência emocional e social. Na Europa já existe muita ciência – já sabemos bem o que pode acontecer, o que vai acontecer, no entanto não somos capazes de mobilizar apenas com a razão. Precisamos de outras perspectivas, de outras narrativas, de outras formas de abordar essa questão. Até agora, com o que estamos fazendo, não estamos conseguindo.

Um dos debates mais relevantes da área se deu em torno da questão do jornalismo comprometido. Quando a Federação Internacional de Jornalistas Ambientais (IFEJ, na sigla em inglês) foi criada, em 1995, já se delinearão suas posturas no panorama global: o informativo e o comprometido. No 3º Congresso da IFEJ, no Sri Lanka, em 1998, passa a se aludir a funções que vão além do âmbito exclusivamente informativo.

Na América Latina, o jornalismo ambiental comprometido tem prevalecido. Bassetta (2000), coordenador da publicação *Cidadania Planetária*, na qual participaram jornalistas ambientais de vários países da região, afirma que a missão fundamental do jornalismo ambiental é, precisamente, incitar a sociedade e os detentores dos poderes constituídos a empreender as ações necessárias para salvar o planeta e a humanidade.

Nesse âmbito, uma iniciativa sem precedentes foi a publicação, em 7 de dezembro de 2009, de um mesmo editorial por 56 jornais de 45 países²:

“Fazemos isso porque a humanidade está enfrentando uma grave emergência (...). Se não nos unirmos para empreender ações decisivas, a mudança climática causará estragos em nosso planeta e, com isso, em nossa prosperidade e segurança (...) Entretanto, até agora, a resposta do mundo tem sido frágil e fracassada” (*The Guardian*, 2009, online).

A esse respeito, Alan Rusbridger, ex-diretor do jornal britânico *The Guardian*, afirmava que a mudança climática era tão importante que talvez nesse tema específico o jornalismo possa pular suas regras e tomar partido”. Maria García, presidenta da Associação Espanhola de Jornalistas de Informação Ambiental (APIA, na sigla em espanhol), declarou: “vamos ajudar a comunicar que um futuro verde é o único futuro possível. Tomamos partido pelo planeta e não vamos ser neutros na defesa do meio ambiente. Acreditamos na ciência”.

3 A REALIDADE LATINOAMERICANA

E os riscos para a América Latina já são evidentes. Em 2022, o Uruguai decretou emergência agropecuária: 60% de seu território estava em uma situação extrema em virtude de 3 anos com poucas chuvas. A Argentina enfrentou diversas ondas de calor. Em fevereiro de 2023, Buenos Aires alcançou a temperatura mais alta desde que começaram os registros, em 1961: 38,1 °C. O Chile, num contexto de 14 anos com pouca chuva, vive a pior seca em 1.000 anos. Apenas em 2023, os

² N. do T.: As capas dos jornais podem ser vistas em <https://www.theguardian.com/environment/gallery/2009/dec/07/copenhagen-climate-change-newspapers>>. O editorial foi publicado em língua portuguesa pelos jornais *Zero Hora* (Brasil) e *Público* (Portugal). Acesso em: 9 de fevereiro de 2024.

incêndios queimaram mais de 450 mil hectares de floresta. Na Colômbia, a principal causa de devastação florestal não são as plantações de coca, mas a expansão da pecuária. A perda de cobertura vegetal, aliás, atingiu na América do Sul a cifra de 55 milhões de hectares nos últimos 20 anos, considerando os cinco grandes biomas da região: a Amazônia, o Pantanal, o Pampa, a Mata Atlântica e o Cerrado.

Como e com qual recorrência os eventos ligados à mudança climática vêm sendo noticiados na América Latina? Na Universidade do Colorado em Boulder, nos Estados Unidos, temos o Observatório dos Meios de Comunicação e das Mudanças Climáticas (MeCCo, na sigla em inglês). Trata-se de um coletivo de 27 pesquisadores dos quais faço parte. Todos os meses, contabilizamos o que aparece sobre mudanças climáticas e aquecimento global na mídia de todo o mundo. São analisados 127 meios de comunicação entre jornais, rádio e televisão. Na América Latina, são 15 veículos.

Em geral, o que observamos é que os momentos de pico de reportagens sobre esses temas coincidem com a realização das Convenções do Clima (COPs). Isso indica que a informação que chega à mídia hegemônica na América Latina é principalmente informação internacional. A dependência do material de agências internacionais e fontes oficiais contraria as pesquisas sobre a cobertura ambiental, que recomenda um foco cada vez maior no nível local. Também se percebe a falta de especialização por parte dos jornalistas e a ênfase nos acordos e documentos internacionais, como os relatórios do IPCC. Daí a importância de as universidades terem presente em seus cursos o tema do jornalismo ambiental. É preciso que as universidades incluam em suas agendas a abordagem dos temas que mais podem afetar nossas vidas.

4 UM DECÁLOGO PARA COMUNICAR A MUDANÇA CLIMÁTICA

Algumas indicações para a comunicação sobre mudanças climáticas nasceram dos trabalhos do Observatório da Comunicação das Mudanças Climáticas (OCCC, da sigla em espanhol), da Universidade Complutense, em Madri. Em 2019, pesquisadores e jornalistas desenvolveram a primeira versão de um Decálogo de Recomendações para informar sobre o tema. Em 2022, o Decálogo foi revisto e atualizado³. A nova proposta ganhou ainda uma versão *express*, reduzida, desta vez com 12 pontos:

- Promover a frequência, continuidade e transversalidade das mudanças climáticas na informação, divulgação e entretenimento.
- Comunicar as causas, os impactos e principalmente as soluções para promover uma transição ecológica com perspectiva de futuro.
- Promover uma abordagem do problema do ponto de vista de uma transição ecológica justa e integrativa que evite desigualdades.
- Conectar as alterações climáticas com realidades próximas no espaço e no tempo, enquadradas em estilos de vida para demonstrar que este fenômeno não é futuro, mas sim presente.
- Divulgar iniciativas empreendidas ou lideradas por cidadãos.
- Defender o jornalismo crítico e independente.

³ Disponível em: <<https://ecodes.org/hacemos/cambio-climatico/movilizacion/medios-de-comunicacion-y-cambio-climatico>>. Acesso em: 9 de fevereiro de 2024.

A comunicação climática e da biodiversidade em tempos de multicrisis

- Defender as condições materiais e humanas.
- Defender o jornalismo comprometido com a verdade para que o financiamento comercial não interfira no conteúdo.
- Defender o cumprimento do “Código de Autorregulação sobre argumentos ambientais nas comunicações comerciais”⁴.
- Comunicar e divulgar pesquisas científicas sobre mudanças climáticas.
 - Comunicar os relatórios do Painel Intergovernamental das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (IPCC, na sigla em inglês).
 - Os cientistas devem ser a principal fonte de informação científica e devem atender igualmente a todos os meios de comunicação, independentemente da sua cobertura e natureza geral ou especializada.
 - Utilizar formatos narrativos adaptados a diferentes públicos.
 - Divulgar a investigação científica gerada nas universidades e centros de investigação.
- Divulgar os conceitos e termos específicos necessários à compreensão do fenômeno.
 - “Efeito estufa”, “pegada de carbono”, “pegada ecológica”, “descarbonização”, “emissões de GEE”, “sustentabilidade”, “emissões per capita”, “biodiversidade”, “desenvolvimento sustentável”, “limites do planeta”, “pontos de inflexão” e “o princípio das responsabilidades comuns mas diferenciadas”, entre outros, insistindo especialmente na grande diversidade de medidas e soluções de adaptação.
- Conectar as mudanças climáticas a eventos climáticos extremos (ECE).
 - Explique a diferença entre os conceitos de “tempo” e “clima” e enfatize que estes ECE serão mais frequentes e virulentos devido às alterações climáticas.
 - Desenvolver estudos de atribuição em relação à frequência histórica na medição destes valores quando ocorrem ECE.
- Melhorar o tratamento da comunicação sobre as alterações climáticas.
 - Desistir da falsa simetria.
 - Revelar o negacionismo no discurso econômico, político ou publicitário e alertar para o “derrotismo”.
 - Desmentir notícias falsas e falsos truísmos, dando voz aos cientistas.
 - Privilegiar gêneros e formatos que permitam contextualização e aprofundamento.

⁴ N. do T.: Em 2009, na Espanha, o Ministério do Ambiente e do Meio Rural e Marinho, a Associação para a Autorregulação da Comunicação Comercial e empresas dos setores energético e automotivo assinaram um acordo com um conjunto de regras para a difusão de mensagens publicitárias que incluam argumentos e referências ambientais. Disponível em:

<https://www.miteco.gob.es/content/dam/mites/es/ceneam/recursos/mini-portales-tematicos/Codigo-argumentos-ambientales_tcm30-70733.pdf>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2024.

A comunicação climática e da biodiversidade em tempos de multicrisis

- Evitar interesses partidários não baseados na ciência na comunicação sobre as alterações climáticas.
- Incorporar a perspectiva de gênero.
- Evitar culpabilizar os cidadãos. Direcionar a demanda para as entidades que têm o poder de fazer mudanças.
- Inovar na comunicação sobre mudanças climáticas.
 - Comunicar em diferentes espaços (meios de comunicação tradicionais, redes sociais, plataformas digitais, etc.) e em vários gêneros e formatos, utilizando estratégias e ferramentas narrativas inovadoras (metaverso, gamificação etc.).
- Promover a educomunicação sobre as alterações climáticas.
 - Reforçar a função “formativa” dos meios de comunicação social como instituições de comunicação social.
 - Considerar os profissionais de educação ambiental como fontes de informação e mediadores.
 - Promover a formação transversal de profissionais de comunicação.

5 COMUNICAÇÃO CLIMÁTICA PARA DIFERENTES AUDIÊNCIAS

Nos anos recentes, tenho me dedicado a pesquisar sobre a comunicação climática para diferentes públicos. Até o momento, essa investigação tomou a forma de quatro relatórios (Fernández-Reyes, 2020, 2021, 2022, 2023), cujo objetivo principal é estudar a comunicação climática na perspectiva de envolver todos os setores da sociedade. A intenção é fornecer ferramentas de comunicação àqueles que estão interessados, independentemente da sua ideologia, em envolver os cidadãos na ação pelo clima. O trabalho parte de algumas premissas:

- As mudanças climáticas exigem uma resposta de toda a sociedade, de pessoas de todas as idades, religiões, nacionalidades e lados do espectro político.
- Estamos interessados em saber como se dá a comunicação climática para melhorar a ação pelo clima.
- Opta-se por uma postura inclusiva, para um diálogo, complementar à dialética.
- Foca-se quem quer “alcançar” diferentes públicos para ativar a ação pelo clima, para além da ideologia pessoal.
- Não é um guia para todas as situações. Há cidadãos cujo contributo para a sociedade visa apenas a defesa de uma determinada ideologia.
- Talvez possa ser útil para públicos definidos ou em circunstâncias em que prevaleça um compromisso centrado na ação pelo clima.
- A magnitude do desafio climático é tal que tudo o que avança no envolvimento de todos os espectros naquilo que une, apesar das diferenças lógicas e necessárias, pode ser uma alavanca com potencial considerável.

- Basta reconhecer a necessidade de uma grande mudança, seja para preservar ou para progredir.

Evidentemente, esse tipo de diálogo não funciona em todas as situações. Em termos políticos, há situações de enfrentamento em que é impossível dialogar. Na Espanha, no contexto partidário, costuma-se dizer: “aos inimigos, nem água”. Mas há outras situações em que o diálogo pode ser mantido. A magnitude do desafio climático é tão ampla que é necessária a participação de todos os espectros. Se dois espectros participam, é sempre melhor que apenas um, pois quem não participou tende a ir contra aquele que participou.

Isso é possível de se fazer em países como a Espanha, em que 95% da população espanhola acredita nas mudanças climáticas. Mesmo os leitores conservadores, eleitores do partido negacionista, estão majoritariamente de acordo quanto aos resultados científicos sobre as alterações climáticas e a sua causalidade humana. Partidos conservadores espanhóis aprovaram a Emergência Climática no Congresso dos Deputados e no Parlamento Europeu.

O espectro conservador dá especial atenção ao campo econômico. Um enquadramento da questão por esse prisma desperta interesse e abre portas à abordagem em outras áreas. Valoriza-se um discurso alinhado com as principais políticas conservadoras europeias e com as instituições econômicas de referência. Entre os valores conservadores ligados à ação climática estão nacionalismo, segurança energética, defesa das instituições e do status quo, regulação, localismo, tradição e família. Tocar nesses valores ajuda as audiências conservadoras a estarem mais atentas.

O público progressista, por sua vez, reconhece que o espectro progressista esteve e está na vanguarda das políticas climáticas, com propostas proativas, como a declaração de Emergência Climática na Espanha e na União Europeia. A audiência progressista valoriza referências internacionais, como instituições científicas (IPCC, OMM), sindicatos (OIT), iniciativas ou representantes políticos (António Guterres, secretário-geral da ONU). Entre os valores progressistas e sindicais estão internacionalidade, mudança, solidariedade, diálogo, proteção social, alternativas, cuidado, revalorização da esfera pública e arrecadação de impostos.

Também é possível identificar temas de interesse comum a ambos os grupos. A ideia de propósito comum, vinculada a iniciativas internacionais, especialmente ao Acordo de Paris, estão em linha com a perspectiva de que as mudanças climáticas são uma questão de todos. As noções de boa vida e bem-estar surgem quando se abordam fenômenos meteorológicos extremos ou efeitos das mudanças climáticas, assim como os temas transição energética, saúde e novas gerações.

O mais recente relatório (Fernández-Reyes, 2023), por fim, diz respeito a questões que unem diferentes crenças. Embora existam muitas diferenças entre as narrativas religiosas, também existem muitas semelhanças, como a reverência pela criação divina ou pelo mundo natural, a unidade na ação (em todos os governos, particularmente nos países de rendimento elevado e outros grandes emissores de CO₂) para beneficiar a todos, tanto o planeta como os mais vulneráveis, o reconhecimento da ciência, o entendimento de que esta é uma transformação individual e uma mudança estrutural sem precedentes e de que somos interdependentes uns com os outros e com o mundo natural.

No caso da América Latina, há uma grande riqueza para a comunicação climática que são as narrativas dos povos originários, como as noções de *sumak kausay* (cultura quechua), *suma qamaña* (povo aimara), as ideias de bem viver e vida em plenitude, Pacha Mama ou Mãe Terra, a deidade que representa a Terra nos países andinos, e a territorialidade indígena, a identidade com a terra e com tudo que nela existe. Essas narrativas são sopros de inspiração para outros lugares onde as cosmovisões já perderam ou diluíram essa conexão com o ambiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões climáticas e de biodiversidade são hoje o principal problema da nossa geração, exigindo uma transformação sem paralelo tanto em nível individual quanto organizacional. Há capacidade humana para a esperança, como mostram os avanços na medicina, nos direitos humanos e das mulheres, na conquista de espaços de liberdade, na criatividade, no potencial de afetividade, no avanço geracional em favor da ética, no potencial da espiritualidade, como opção, e na força compassiva e combativa da cidadania. Que nos sirvam de inspiração para viver mais, e bem.

REFERÊNCIAS

BACCHETTA, Victor L. El periodismo ambiental. In: BACCHETTA, Victor L. (Coord.). **Ciudadania Planetaria: temas y desafíos del periodismo ambiental**. Montevideo: IFEJ, 2000.

FERNÁNDEZ-REYES, R. (coord.), Díaz-Beyá, C., Heras, F. **Análisis del discurso climático sobre lo que une a las diferentes audiencias**. Zaragoza: ECODES, 2022. Disponível em: <https://ecodes.org/images/que-hacemos/MITERD_2021/Informes/12052022An%C3%A1lisis_del_discurso_sobre_lo_que_unen_en_los_espectros_conservador_y_progresista.pdf>. Acesso em: 9 de fevereiro de 2024.

FERNÁNDEZ-REYES, R. (coord.), Díaz-Beyá, C., Heras, F. _____ . **Aproximación a la comunicación climática con audiencia conservadora en España**. Zaragoza: Ecodes, 2020. Disponível em: <https://ecodes.org/images/que-hacemos/01.Cambio_Climatico/Movilizacion_accion/Medios_Comunicacion_CC/Aproximacion_comunicacion_climatica_audiencia_centro_y_derecha.pdf>. Acesso em: 9 de fevereiro de 2024.

FERNÁNDEZ-REYES, R. (coord.), Heras, F. _____ . **Aproximación a la comunicación climática con audiencia progresista en España**. Zaragoza: Ecodes, 2021. Disponível em: <https://ecodes.org/images/que-hacemos/01.Cambio_Climatico/Movilizacion_accion/Medios_Comunicacion_CC/Aproximacion_a_la_comunicacion_climatica_con_audiencia_progresista.pdf>. Acesso em: 9 de fevereiro de 2024.

FERNÁNDEZ-REYES, R. _____ . **Aproximación a la mitigación climática en comunidades con fe en España**. Zaragoza: Ecodes, 2023. Disponível em: <https://ecodes.org/images/que-hacemos/MITERD-2022/cambio_climatico/Aproximacion_a_la_mitigacion_en_las_comunidades_con_fe_en_Espana.pdf>. Acesso em: 9 de fevereiro de 2024.

A comunicação climática e da biodiversidade em tempos de multicrises

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; CAMANA, Ângela; LOOSE, Eloisa Beling. Panorama da pesquisa em Jornalismo Ambiental no Brasil: o estado da arte nas dissertações e teses entre 1987 e 2010. **In Texto**, Porto Alegre, v. 34, p. 362-384, set./dez. 2015.

THE GUARDIAN. Copenhagen climate change conference: 'Fourteen days to seal history's judgment on this generation'. Londres, 7 de dezembro de 2009. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/2009/dec/06/copenhagen-editorial>>. Acesso em: 9 de fevereiro de 2024.